



FALJALLAT, Célia Siqueira. A roda dos expostos. Correio Popular, Campinas, 30 nov. 1999.

A Roda dos Expostos

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

A evocação dos 500 anos da Descoberta criou um clima para estudos e pesquisas da História Pátria. Até novelas da TV têm focalizado mais vezes temas ligados ao passado. *Terra Nostra*, por exemplo, além de ter como *background* os primeiros tempos da chegada de imigrantes italianos, mostrando a mútua influência sobre os antigos problemas, apontou alguns pormenores de muito interesse. Um deles foi a roda.

Lembram-se? O bebê de Giulia e Mateus é desviado pela diabólica senhora Mariano e entregue na roda da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Que roda era aquela? Existiu, de fato, ou é apenas mais um pormenor, criado pela fantasia do autor da história?

Em casos de pesquisa histórica, recorro sempre à orientação de estudiosos, no caso da biblioteca do Centro de Ciências Letras e Artes (CCLA), Maria Luiza Pinto de Moura, que alia cultura e erudição à extrema boa vontade em ajudar estudiosos em suas teses e pesquisas universitárias, coisas assim. Pois, a tal roda existiu, sim. Vejamos.

Entregou-me o magnífico livro do doutor José Soares Hungria Filho, *Memórias da Misericórdia* (Editora Artes Médicas Ltda.), obra que analisa a motivação e finalidades, as diversas fases vividas pela instituição da Santa Casa de São Paulo. O autor afirma que, ao final de longo período de vivência como médico, continuava dentro da instituição e resolvera escrever as memórias dos fatos que testemunhou e das pessoas

que conheceu. Porque a Santa Casa é o reflexo da sociedade paulista, tendo nos seus quadros representante de todos os níveis sociais e de outros Estados, selecionados por suas qualidades morais, inteligência e criatividade, que contribuíram para sua manutenção. E dentre outras razões, ele citou a virtude fundamental da misericórdia, que ia envolvendo com seu visgo, prendendo e dominando.

Após estudar a estrutura e finalidade, e até os quadros históricos e peças do mobiliário, mencionou "o chá da meia-noite", fornecido pelas irmãs de caridade aos médicos, que faziam plantão à noite, e que línguas ferinas diziam conter veneno para despachar para o outro mundo os doentes incuráveis e agonizantes sofredores!

Mas eu queria mesmo era localizar informações seguras sobre a Roda dos Expostos e as con-

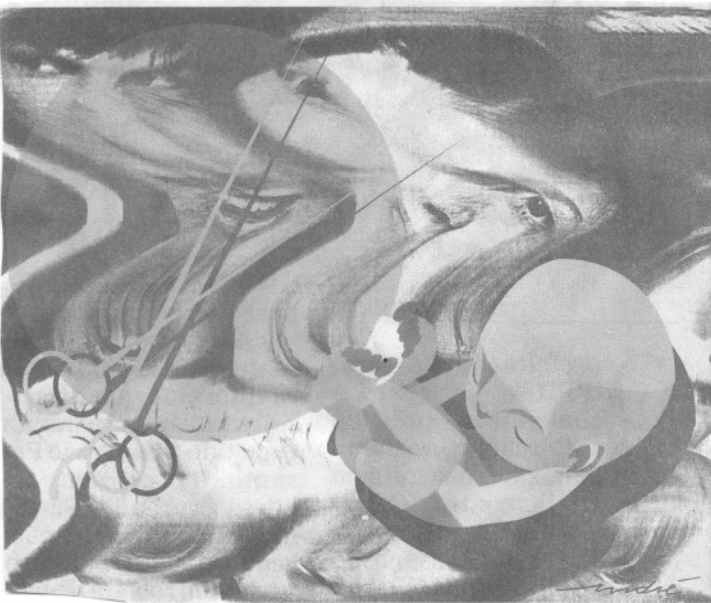
segui. Ela faz parte, hoje, do Museu da Misericórdia, junto com outras preciosidades. E sua história é trágica.

Hoje, mães desvairadas abandonam seus bebês no lixo, nos matagais e até dentro dos bueiros! Querem se li-

vrar da prova viva de amores proibidos, sendo levadas a este gesto desesperado, muitas vezes, pela doença. Crônicas policiais e médicas comprovam isso.

Em tempos antigos, além do infanticídio cruelíssimo, havia, sim, a utilização da roda. Afirma o autor, doutor Hungria, que, muitas vezes, presenciou a retirada

Roda dos Expostos faz parte, hoje, do Museu da Misericórdia



de criancinhas abandonadas na roda, em suas rondas noturnas pelo hospital.

A Roda dos Expostos era uma caixa cilíndrica de madeira, que rodava dentro de um nicho do muro, junto ao portão, que abria para a Rua Dona Veridiana. Mais do que uma simples roda, era uma instituição que prestou serviços à população da cidade, até que se tornou desatualizada. Ela, a roda, ficava com a abertura para a rua e as mães que queriam se desfazer dos filhos recém-nascidos abriam a portinhola, deixavam a criancinha e viravam a portinhola para dentro, tocando logo uma campainha, que soava no dormitório das religiosas. A plantonista acudia e apanhava o precioso embrulho. A criança era removida para o Educandário Sampaio Viana, onde era alimentada, cuidada e instruída até crescer, e poder se manter por si, ou ser acolhida por alguma alma generosa.

A extinção da roda foi decisão difícil de ser tomada pela mesa da Santa Casa, tanto que foi proposta pela primeira vez em 9 de

abril de 1944, pelo provedor doutor José Cássio de Macedo Soares, aprovada em 5 de junho de 1946, e somente efetivada em 5 de outubro de 1949, o que demonstra a prudência e o bom senso dos administradores da Santa Casa.

Antes da decisão, foi nomeada uma Comissão, formada pelos doutores Camargo Viana, Ruy Sodré e Leal da Costa, que escreveram um relatório histórico, citado na íntegra pelo doutor Hungria. Por ser muito longo, destacamos apenas alguns tópi-

cos. A Roda, instituição antiga, tratada pela legislação de vários países, foi adotada pela Itália e abolida em 1862. Em outros países da Europa e da América do Norte, aconteceu o mesmo, sendo raros os que a adotam ainda.

A primeira Roda no Brasil estava instalada em um asilo de expostos, fundado em 1730, por Romão Matos Bernardes, no Rio de Janeiro. Em carta régia, de 12 de dezembro de 1693, el-rei autorizara que os expostos passassem a ser alimentados pelos bens do Conselho, porque até então o destino dos enjeitados, no Rio, era o abandono ao tempo e à voracidade dos porcos e dos cães e quando, sobreviviam, o destino deles era o de serem escravos de seus criadores.

Dizia, ainda, o citado documento que, embora atendendo aos princípios da humanidade, não cumpria seus objetivos. Em

1823, D. Pedro I, em fala do trono, afirmou que, dos dez mil recolhidos em 13 anos, somente mil havia vingado. O restante morreu, ou teve seu destino ignorado. E Manoel Vitoriano afirmou que “constituía grave afronta às leis sociais e humanas, e criava um matadouro de inocentes, sob pretexto de fixar a desonra e amparar o crime”.

Assim, a roda começou a desaparecer no Brasil com o decreto 16.300, artigo 308, de 12 de outubro de 1927, que consolidou e resumiu num código de menores as leis de assistência e proteção à infância, determinando em seu artigo 15 “a extinção da Roda e que a assistência se fizesse por outros meios. No dizer de um dos comentadores, ela constituía “um incentivo ao crime, uma chaga moral e incompatível com a civilização moderna”.

Um dos maiores batalhadores contra a roda foi o doutor Leite Bastos, mordomo do Asilo Sampaio Viana. Ele afirmou: “A roda é uma instituição cega, surda e muda, que propicia a existência de órfãos de pais vivos”. Ele pro-

**Instituição cega,
surda e muda,
que propicia a
existência de
órfãos de
pais vivos**

pôs um Escritório de Assistência, “que seria um instrumento que deveria ouvir, confortar e socorrer a pobre mãe, salvando o filho, à beira do precipício”.

Conta o doutor Hungria que assis-

tiu uma festa no Asilo Sampaio Viana e ouviu o discurso oficial, pronunciado por um mesário, desembargador aposentado, que com intensa emoção terminou assim: “A emoção se justifica porque eu fui um menino de roda.”

Célia Siqueira Farjallat é cronista do *Correio Popular*